Ano V — Lisboa, 17 de Setembro de 1930 — N.º 249

Pim Pam Pum!

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL O SECULO

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

MEMÓRIAS DE UM JORNAL

Por EMA HEVEL

Desenhos de CASTAÑÉ

SÓ me lembro da minha existência quando saí da redacção, junto a muitos irmãos, debaixo do braço dum homem que corria imenso e apregoava qualquer coisa que eu não percebia.

Repetidas vezes, o nosso portador, tirava algum dos jornais e eu, intrigado, pensava qual seria o seu destino. Finalmente chegou-me a vez de ser roubado de junto dos meus companheiros, e tremi, ao pensar o que seria feito de mim, tão novinho no mundo e já isolado dos meus. Fui entregue a uma criada, toda cheia de caracolinhos, a troco de algumas moedas.

Em seguida levou-me para um quarto muito luxuoso, onde estava uma menina deitada, que me desdobrou e começou a lêr.

De repente dá um grito e diz:—«O' meu pai, que surpresa! O jornal noticía que a tia Amélia está já sem perigo de vida e vai dar uma festa um dia dêstes. Até parece impossível, meu pai! A tia Amélia tão avarenta!! Criticava tanto aqueles que dão festas dizendo que parecia impossível haver gente amiga de gastar dinheiro nessas futilidades!» Dizendo, isto a menina atirou comigo ao ar e eu julguei que ía exalar o último suspiro.

Felizmente assim não sucedeu.

Durante o dia, fui lido por várias pessôas, mas nada mais houve a registar. A noite a menina declarou que me queria guardar como recordação dum caso sensacional. Embrulhou-me cuidadosamente e guardou-me numa gaveta.

Para ali estive muitas semanas até que, um dia, a minha dona abriu a gaveta e começou, uma por uma, a examinar as coisas que lá tinha.

Umas rasgava-as, outras guardava-as. Quando chegou a minha vez, ela disse:

—«Para que servirá êste jornal?! Vou embrulhar com êle os meus sapatos para os pôr na mala!»

Assim fez e, então, a minha vida tão sossegada que eu passara na gaveta, transformou-se completamente. Servindo de envólucro aos sapatos, amarrotei-me imenso. Além disso estava colocado entre vários embrulhos que me magoavam extraordinariamente. Depois de alguns trambulhões apanhados dentro da mala, um dia fui tirado para fóra e, livre dos sapatos, arremessado para um monte de jornais que se encontrávam no mesmo deplorável estado que eu. Travámos logo conhecimento e para ali jazemos algum tempo. Um belo dia ouvimos dizer:

—«Está aqui êste monte de jornais inúteis... E' melhor queimá-los.»

Grande foi a nossa aflição, que dentro em breve se tornou em terror, quando veio uma mulher que nos agarrou e atirou para uma casita que, a ajuizar pelas paredes tão negras, devia ser a carvoeira.

(Continua na pág. 4)

BAZAR DE BRINQUEDOS

Por GRACIETTE BRANCO

Ilustrações de ALFREDO MORAIS

Do livro com o título acima, que a Empreza Nacional de Publicidade acaba de pôr à venda e que constitue o 30.º volume da «*Biblioteca dos Pequeninos*», tão brilhantemente dirigida pelo alto espírito da senhora D. Emília Sousa Costa, transcrevemos a seguinte poesia que servirá de aperitivo espiritual aos nossos pequeninos leitores.

Profusamente ilustrado, com lindos desenhos de Alfredo Morais, êste livro de D. Graciette Branco, esposa do nosso director, encerra, além desta, as poesias: — *Bébé no bazar* — *O Menino e o Sol* — *Bébé escreve para França* — *Bébé conversando* — *Bebé e o pobrezinho* — *Carta para o Céu* — *A mamã saiu* — *A' hora da Papinha* — *(Diálogo)* — poesias que certamente ficarão na nossa Literatura infantil atestando o alto merecimento da sua autora.

MESTRE CORVO E RAPOZINHA

Tic-Tic,
Rapozinha,
formozinha,
formozão,
era amiga,
duma figa,
de Mestre Corvo
Negrão!

Toda a vez
que Rapozinha,
se entretinha
a meditar,
Mestre Corvo
de olhar torvo,
começava
a suspirar!...

Mestre Corvo,
de olhar torvo,
patetinha,
patetão,
odiava-a,
detestava-a
da raiz
dó coração!

Porque dona
Rapozona,
o troçava
Sol a Sol,
e Mestre Corvo
caía
como enguia
num anzol!...

Rapozinha,
matreirinha,
bonitinha,
por sinal,
era, desde
pequenina,
mais fina
do que um coral...

Rapozinha,
ria, ria,
ria, ria,
à gargalhada...
Mestre Corvo
de olhar torvo,
... nem podia
dizer nada...

* * *

Ora, em certa
manhãzinha,
rapozinha
diz então:
—«Vou pregar
nova pirraça
ao carraça
do Negrão...

Ele cai,
ai, com certeza!...
Que beleza
de encantar...
Deixa me ir,
ai, deixa-me ir,
que vou rir
a escangalhar...»

Pobre Corvo,
de olhar torvo!
Ai, o que irá
ser de ti!...
Rapozinha
matreirinha,
vira daqui
mais dali...

Tic-Tic,
rua fóra,
vai-se embora
procurar,
Mestre Corvo
de olhar torvo,
que não pode
sossegar!...

A' janela,
mal pensando,
mal sonhando
em tal partida,
'stá Dom Corvo
sorridente,
contente
da sua vida...

De repente,
brada: — olé!
Pois que vê
Raposa chic,
que caminha
lampeirinha,
tic-tic,
tic-tic...

Rapozinha,
velhaquinha,
vem, cheinha
de atracções...
Corvo medroso,
ansioso,
desfaz se em mil
atenções...

—«Ora viva!
¡Quem diria?!...
Que alegria
que me dá!...
Tic-tic...

eu vou abrir
já, já, já...»

—«Ai, Dom Corvo!
Que alvoroço!
Não me posso
demorar...»
—«Ora essa,
minha Dona
Rapozona
de encantar!!!

Que motivo,
que razão,
a trouxe então
a correr,
a esta casa
modesta,
toda em festa
por a vêr?!!»

—«Eu lhe digo,
meu amigo,
(lhe responde,
toda em brasa),
Venho cá
p'r'ó convidar
a jantar
em minha casa.

Há-de ver,
que bom guisado!
que belo assado
tão rico!...»
(...Dom Corvo,
já nada torvo,
abre os olhos...
abre o bico...)

—«Ai, que bom!
Não faltarei!
Nem sei
como agradecer!...

vou-me embra...»
Tic-tic,
tic-tic...

Tic-tic,
rua fóra,
sem demora
caminhou,
tic-tic,
a rir, perdida,
da partida
que pregou...

Mestre Negrão,
patetão,
sem de nada
suspeitar,
dá pulinhos,
dá saltinhos,
gulozinho
do jantar...

E logo
no outro dia,
mal rompia
a madrugada,
já êle andava,
girava,
com bota fina,
calçada!

Casaca preta,
luneta,
bengalinha
tanto à moda,
que parecia
o Negrão,
um figurão
da alta roda!

Tic-tic,
tic-tic,

Minha Dona
Rapozona!
que apetite
eu hei-de ter!...»

—«Então, não falte,
não falte;
de casaca,
todo «chic»...
E eu agora

Rapozinha
ao vê-lo entrar,
dá gritinhos,
dá pulinhos
por se lembrar
do jantar...

—«Ai, que «chic»...
Tic-tic...
Ora viva
Dom Negrão!»
—«Viva, viva!
—Venho tonto!—
Já está pronto
o jantarão?!»

—«E' um momento!
Um momento!
(Diz ela rindo
à sucapa...)
Ai, que tolo

sem miolo!...
Não me escapa!
Não me escapa!...»

Vira daqui,
mais dali,
e vira
e torna a virar,
vai Rapozinha
à cozinha
mandar
tirar
o jantar.

—«Vamos, vamos,
Dom Negrão!
—Que jantarão!
Que beleza!...»
Tic-tic,
dão o braço,
e vão a passo
p'rá mesa...

Tic-tic,
tic-tic...
Ai! Mas nisto
eis que emudece,
Mestre Corvo,
de olhar torvo,
que, sem querer,
desfalece!

Quiz falar,
quiz respirar,
quási lhe dando
um chilique...
Rapozinha
matreirinha,
caminhava
tic-tic...

—«Ai, aqui,
meu convidado!
Dêste lado,
faz favor...»
Mestre Corvo,
de olhar torvo,
suspirava
com rancor...

E' que viu
e descobriu
numa terrível
surpreza,
que eram papinhas
raladas,
espalhadas
sôbre a mesa!...

O seu bico,
pico-pico

nada podia
apanhar!
Mas a Dona
Rapozona,
lambia tudo
num ar!

Ah maldita
rapozona,
matreirona,
matreirão!
Pobre Corvo,
de olhar torvo,
patetinha,
patetão!...

—«Ai! Não come?!
Não tem fome?!
Mas que bom!
Mas que apurado!...»
Mestre Corvo,
de olhar torvo,
tem quási o bico
quebrado!

Rapozinha,
matreirinha,
lambia,
lambia tudo...
Mestre Corvo,
de olhar torvo,
bem abria
o bico agudo...

Pico-pico,
pico-pico,
—pobre bico!—
que arrelia!
Rapozona,
matreirona,
ria, ria,
ria, ria...

Rapozinha,
matreirinha,
lambeu tudo,
tudo, tudo...
Mestre Corvo,

(Continua na pág. 5)

CONTINUADO DA PÁGINA 1

Efectivamente começaram a desbastar-nos. Em breve poucos de nós haviamos escapado ao terrível flagelo.

Uma vez a mulher pegou em mim e ia eu já a imaginar que caminhava para a morte, mas qual não foi a minha alegria quando ela me estendeu sobre uma mêsa e me começou a endireitar.

Em seguida embrulhei uma fazenda e fui metido num saco junto a várias roupas. Depois a minha nova dona despediu se a chorar (isto ouvi eu por estar junto a um buraco que o saco tinha) e partimos.

A mulher era uma antiga cosinheira da casa, muito estimada dos patrões por ser uma serviçal modelar que se ía embora porque (segundo eu ouvi) tinha recebido uma carta da terra a participar-lhe que a mãe estava doente. Por isso saía daquela casa a chorar, a bôa mulherzinha.

Metemo-nos no comboio. No trajecto apanhei inúmeros safanões dum vizinho sabonete que se desculpava com a a escova de dentes. Terminamos, finalmente, a viagem. A casa da nossa dona tinha aparência de muito pobre. Chegada lá todos se abraçaram a chorar, mas de alegria, pois a mãe estava já bôa. A família era pouco numerosa. A mãe uma pobre e bôa velhinha, viuva há longos anos; a filha que mandára servir, visto não a poder sustentar, pois vivía com uma nóra que, a-pesar-de trabalhar imenso, não chegava para os seus cinco filhinhos, todos pequenos; o pai das crianças, militar, que estava na cidade. Porêm como a doença passara rapidamente, aquela bôa gente estava entregue aos transportes da sua alegria. Era a primeira vez que, depois de muitos anos, se juntavam todos! A' noite em volta da lareira, tristemente apagada, contaram uns aos outros a sua vida.

O militar havia ganho uma medalha de honra, por um feito heroico praticado na guerra. Porém todos se lamentavam por serem tão pobres e não poderem dar o devido conforto às creancinhas e à pobre mãe tão velha e tão cançada!

O militar dizia: — «E' pena que a sr.ª D. Ana se não lembre de nós, sendo ela tão rica e tendo a mãe sido sempre tão bôa e carinhosa durante a doença do falecido marido dela!»

De repente a minha dona disse:

— «Ah! Esquecia-me de dar à mãe uma blusa que alí trago». Levantou-se e foi buscar a fazenda que eu embrulhava.

Depois de agradecer, a velhota lembrou. — «Se nós queimassemos estes papeis para nos aquecermos?» Logo agarraram em mim e mais outros e pegaram-nos fôgo. Estorcia-me com dôres horriveis quando o filho, olhando-me atentamente, diz:

— «Eh minha mãe, apague, por amor de Deus, o lume, que êste jornal traz-nos a felicidade!»

* * *

Referia-se a mim. Extintas as chamas no farrapo em que eu restava, leram que a tal senhora D. Ana tinha morrido, deixando à sua antiga e fiel criada uma casinha com quinta e recursos bastantes para a manter, na aldeia de... Este lugar era afastado do sítio onde a herdeira vivia e a justiça não sabia do seu paradeiro. Todos ficaram loucos de alegria mas, ao mesmo tempo, comovidos por ter morrido tão boa senhora.

O resto da minha história conta-se depressa. Fui guardado, já muito combalido e perdido todo o garbo da juventude, num lindo escrínio, junto da medalha de honra.

Um dia a boa velhota foi mostrar às netas, que eram os seus encantos, várias recordações de familia, nas quais figurava eu. Contando-lhes a minha história acrescentou.

— «Se não fosse êste pedaço de papel, nós hoje estavamos na mais completa miséria. Lembrem-se sempre disto minhas queridas netas.»

Guardado outra vez, estou certo que terei para sempre uma velhice tranqüila e feliz.

-:- F I M -:-

CONTINUADO DA PÁGINA 3

de olhar torvo,
bem abria
o bico agudo!...

Pico-pico,
pico-pico,
—(E o pobre bico
gemia!)—
Rapozona,
matreirona,
fingiu
que não percebia...

—«Ai, então,
meu bom Negrão!
Queira, queira
confessar!
Decerto
que apreciou,
que gostou
dêste jantar...

Ai, que tarde
bem passada!
Que petiscada!
Que encanto!...»
Mestre Corvo
de olhar torvo,
muito mal
sustinha o pranto...

—«Não está bem?
Ai, mas que tem?!
Diga, diga,
Dom Negrão!
Comeu muito
desta vez...
Foi, talvez,
indigestão...

¡Vai-se embora?
Ai, vai-se embora?!
Ai, Jesus!
Ai, que arrelia!...»
Mas a Dona
Rapozona,
ria, ria,
ria, ria...

E pela rua,
sem lua,
Dom Corvo
quási em chilique,
vai nervoso,
furioso,
tic-tic,
tic-tic...
.....

Mestre Corvo
de olhar torvo,
diz bem mal
da sua vida,
pois que dona
Rapozona,
lhe pregou
grossa partida!

Tic-tic,
caminhando
ruminando
pesaroso,
Mestre Corvo,
de olhar torvo,
vai gritando,
com nervoso:

—«Ora esta!
Mas que festa!
Isto assim
não pode ser!
Porque a Dona
Rapozona
faz de mim
tudo o que quer'!»

Tic-tic,
de olhar torvo,
Mestre Crovo
anda a pensar,
na maneira,
mais ligeira,
de poder-se
desforrar!

Mestre Corvo,
vai janota,
com bota
de polimento...,
de luneta
e calça preta,
em sinal
de sentimento!...

Tic-tic,
diz até:
—«Deus me dê
inspiração!
Esta Dona
Rapozona,
bem merece
expiação!»..

Passam anos,
desenganos,
com vagar
e indiferença...,
Mestre corvo
de olhar torvo,
pensa, pensa,
pensa, pensa...

Vai andando,
murmurando,
com a mão
por sôbre a testa:
«Não atino!
Que destino!
Ora esta!
Ora esta!»
.....

Más, num dia,
—que alegria!—
põe-se na estrada
a pu ar...
—«Ai, já sei!
Ai, mas já sei!
Já me posso
desforrar...»

Tic-tic,
tic-tic,
Mestre Corvo,
bem catita,
vai vestir,
com fina bota,
fatiota
de visita.

—«Lá-lá-lá,
lá-lá-lá-lá...
—Canta, canta,
em bailarico...
Dá saltinhos,
dá pulinhos,
abre os olhos,
abre o bico.

E eis procura,
com finura,
Rapozinha
sem rival,
que habita,
por toda a vida,
na Avenida
Rapozal.

Tic-tic,
todo «chic»,
bate à porta
com mãosota,
e aparece
a criadita,
rapozita
franzinota.

—«Como está?
Ai, como está,
senhor Dom
Corvo Negrão?»
—«Muito bem,
graças ao céu!»
—Lhe volveu
com distinção.

«Diga à Dona
Rapozona,
que lhe quero
já falar.»
—«Vou dizer,
com brevidade.
Tenha a bondade
de entrar.»

Tic-tic,
franzinita,
rapozita,
rapozal,
foi lá dentro,
com passitos,
com saltitos
de pardal!...

Entretanto,
surge a Dona
Repozona,
espevitada,
mais gordita,
mais catita,
mais bonita
que a criada.

—«Como está,
Dona Rapoza,
tão formosa,
de encantar?»
—«Muito bem,
caro senhor.
Faz favor
de se sentar...»

Mestre Corvo
bem sentado,
recostado
no sofá,
diz então:
—«Senhora Do a
Rapozona...
Eu venho cá

sòmente
p'ra lhe pedir
para ir
jantar comigo,
àmanhã,
podendo ser...»
—«Que prazer,
meu bom Amigo!

Ai que dia
bem passado!
Que animado
jantarão!
Ai, que bom!
Ai, mas que bom!
Viva o Dom
Corvo Negrão!»

Tic-tic...
—«Vou-me embora.»
Diz agora
o visitante.
—«Vai-se já?
Ai! Vai-se já?!
Fique cá
mais um instante!»

—«Ai! Não posso!
Vou mandar
preparar
o jantarinho.»
—«Mande, mande,
com afan,
que amanhã
vou bem cedinho!»

—«Adeus, Dona
Rapozona»,
Diz Mestre Corvo
com «chic»...
E lá vem,
p'la rua além,
Tic-tic,
tic-tic...

(Entretanto,
eis que dizia,
numa Alegria
sincera:

— «Ai, mal sabes,
atrevida,
a partida
que te espera!...»)

E de olhar já nada torvo,
muito «chic», muito «chic»,
eis caminha Mestre Corvo,
tic-tic, tic-tic...

* * *

Na seguinte
manhãzinha,
Rapozinha
ao *toilette*,
mira daqui,
mais dali,
seu vestido
de *georgette*.

E mirando,
e remirando,
vai murmurando
a troçar:
— «Ai, que tolo,
sem miolo.
qui 'inda me vem
convidar!...

A partida
que eu lhe fiz!...
Ai que infeliz!
Que pateta!...
Lá lá-lá,
lá-lá-lá lá...
Só a mim
nada inquieta...

Vamos ver
o jantarinho
que o tolinho
me vai dar...
Ai, ja vou,
vou, vou, vou, vou,
que me estou
a demorar...»

Tic-tic,
tic-tic,
— vai cantando
radiante,
com saltinhos,
ligeirinho,
com pulinhos
de elegante...

Mestre Corvo,
ao vê-la entrar,
a cantar
com alegria,
com guinchinhos,
ria, ria,
ria, ria,...

— «Queira, entrar!
Ai, queira entrar!...
Ai, que prazer!
Acredite...»
— «Mande tirar
o jantar,
que eu venho
com apetite!...»

— «Ai, vamos já,
vamos lá,
que o salão
'stá todo «chic»...»
— Lado a lado,
braço dado,
tic-tic,
tic tic...

Dom Negrão,
de jaquetão,
vai de cravo
na lapela...
Rapozinha,
enfeitadinha,
dá saltinhos
de gazela...

Ai, mas, nisto,
— horrível coisa! —
Rapoza
perde a alegria!
— Sôbre a mesinha
baixinha
ergue-se uma
almotolia!...

Enraivada,
despeitada,
rapozona
emudeceu...
Mestre Negrão,
diz então:
— «Sente-se aqui...
Aqui eu!...

Ora vamos,
minha flôr!...
Faz favor
de se servir...
Quero vê-la
bem disposta!
Sei que gosta
de se rir!...»

E saltando,
e esvoaçando,
Mestre Corvo
faz um «upa»...

E metendo
o bico
pico
chupa, chupa,
chupa, chupa...

Rapozona
perde a côr!
— Ai, senhor!
Que entalação!...
Na almotolia
cabia,
apenas o bico
pico
de Mestre Corvo Negrão!!

— «Ai, que bom!
Que saboroso!
Que guloso
dum figa!...
Ai! Não come?!
Não tem fome?!
Coma, coma,
minha amiga!»

Rapozona.
despeitada,
de enraivada
até rugia...
Mestre Negrão,
folião,
ria, ria,
ria, ria...

E, junto
da almotolia,
eis fazia
um novo «upa»!...
E agora,
com bico
pico,
chupa, chupa,
chupa, chupa.

Pelos cantos
da boquinha,
Rapozinha
já se baba...
Dom Negrão,
em novo «upa»,
chupa, chupa,
não acaba...

E eis que a Dona
Rapozona
esfomeada,
lambia,
as pinguitas
das sopitas,
caindo
da almotolia...

Pico-pico,
pico, pico,
comeu tudo
Dom Negrão!...
Logo a Dona
Rapozona,
cai desmaiada
no chão!

— Ai, ai, ai!
Ai, ai, ai, ai!
O que foi?!
Que sucedeu?!
O que lhe doi!
O que foi?
A culpa tive a eu!

Devia-a interromper,
ao comer
o jantarão!
Comeu tanto,
tanto, tanto!
que apanhou
indigestão!...»

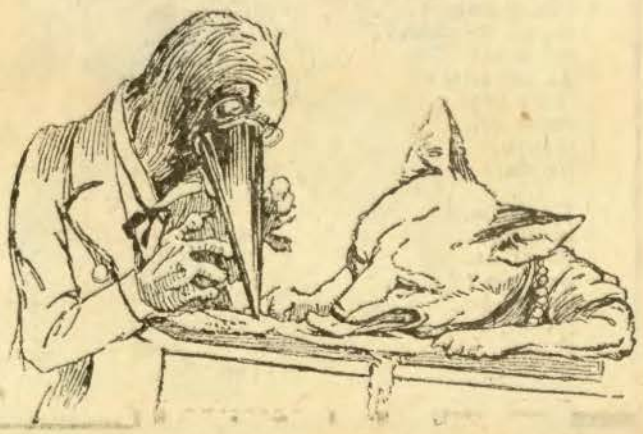
Nisto a Dona
Rapozona,
acabando-lhe
o chilique,
sai furiosa,
raivosa,
tic-tic,
tic-tic...

E à janela,
perto dela,
Dom Negrão,
com ironia,
abrindo e fechando
o bico,
— (bico-pico
sarapico) —
ria, ria,
ria, ria...
.....
.....

Meninos: é mau pensar,
em ver os outros logrados,
porque, querendo enganar,
podem ficar enganados!

Ponde os olhos, toda a vida,
na Rapoza-Rapozão,
que, afinal, ficou vencida
por Mestre Corvo-Negrão!

FIM



Hora de Recreio

Palavras cruzadas

INGLATERRA

PROBLEMA

A mãe de Pum comprou-lhe para o S. João um taboleiro rondado de letras e deu-lhe umas estrêlas de papelão para resolver um problema. Disse-lhe que era preciso prolongar um lado de cada estrêla de maneira a formar um nome muito amigo de todos os leitores. O Pum bem matutou mas não conseguiu nada; indo então pedir auxilio aos irmãos. Estes tambem não conseguiram nada e ainda estão a matutar, Queiram os priminhos desembaraçá-los desse trabalho que afinal é tão fácil.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 3, Animal—5, mineral—7, laço apertado—8, nome—10, cidade da Europa—11, homem que nasce na Inglaterra 13 nota musical—14, palavra inglesa—15, medida de tempo.

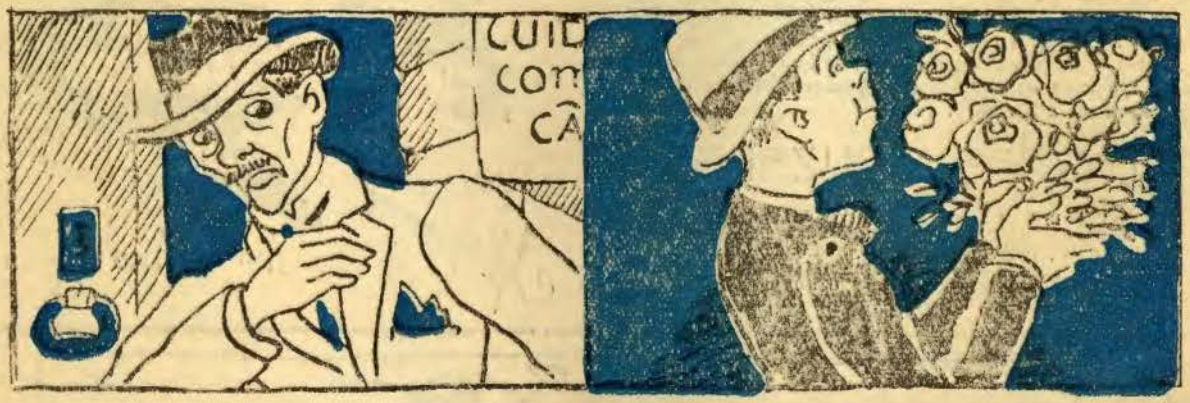
VERTICAIS: 1, agua salgada agitada pelas ondas—2, o que respiramos—4, artigo—6, substantivo—8, o que é indispensavel à vida—9, verbo inglez—12, tecido—13, pedra do moinho.

PARA COLORIREM

AVISO IMPORTANTE

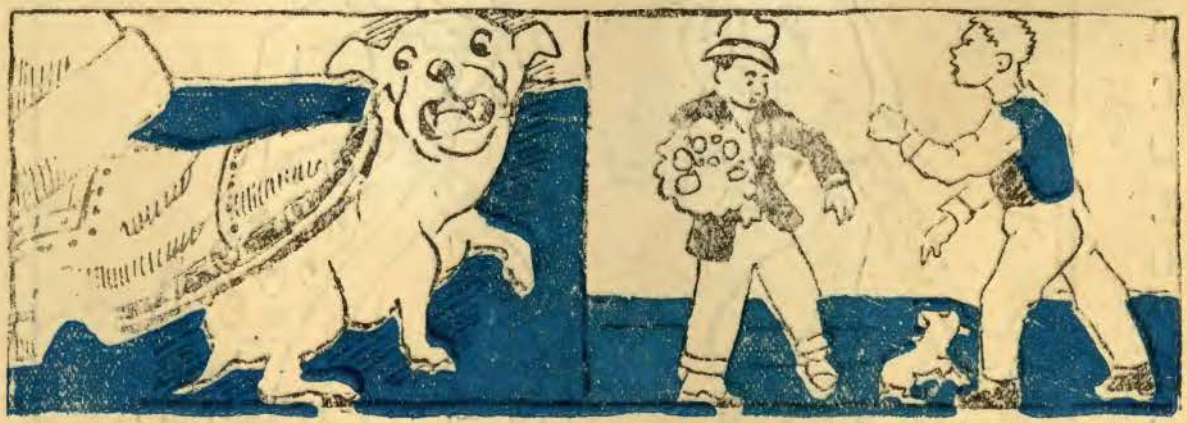
NO umbral de pedra, ao portão
da quinta de um fazendeiro,
Ti'Zé afixa o letreiro
que diz: — *Cuidado com o cão!*

Por esta forte razão,
a gente que lá passava,
lendo isto, já não entrava,
pois tinha medo do cão!



Um dia, tôdo lampeiro,
o doutor Jacome Dôres,
a-fim-de ir comprar flôres,
entra sem ler o letreiro.

E à volta com um «bouquet»
destinado à namorada,
não vê o chão, não vê nada,
pensa n'Ela... nada vê.



Mas o, por baixo dum pé,
sente um cachorro a ganir
e, ao longe, repara vir,
em correria, o Ti'Zé...

... que aos berros lhe brada: — *Então,*
para que serve êste aviso
em que escrevi: é preciso
cuidado com êste cão?!

FIM